

Rivalidade tornou-se cooperação: o amadurecimento das relações Brasil-Argentina

*Rivalry has become cooperation:
Brazil-Argentine improvement of their bilateral ties*

DIEGO ARAUJO CAMPOS*

Meridiano 47 n. 101, dez. 2008 [p. 35 a 36]

O historiador argentino Juan Carlos Puig, no célebre *La política exterior Argentina: incongruencia epidérmica y coherencia estructural*, assevera que as relações Brasil-Argentina, a partir dos anos de 1980, caracterizam-se por uma “coerência estrutural”. Desde então, construiu-se uma estabilidade bilateral que se sobrepôs à “incongruência epidérmica”, conseqüência da instabilidade conjuntural com rivalidade que caracterizou o período de 1962 a 1979.

A superação da rivalidade conjuntural, ilustrada na expressão “incongruência epidérmica”, começou ainda no governo do Presidente Figueiredo e do Presidente argentino Viola, com o acordo de cooperação para o desenvolvimento e aplicações dos usos pacíficos da energia nuclear, nos anos de 1980; com a assinatura do Acordo Tripartite Corpus-Itaipu (fim do litígio no rio Paraná); e com a neutralidade imperfeita por parte do Brasil, na expressão de Moniz Bandeira, durante a Guerra das Malvinas.

A despeito da crise da dívida dos países latino-americanos, na década de 1980, a redemocratização, em ambos os países, registrou avanços históricos na relação bilateral, lançando os fundamentos de uma “cultura de amizade kantiana”. Os Presidentes José Sarney e Raúl Alfonsín realizaram um encontro de fronteiras, quando assinaram a Declaração de Iguazu (com vistas ao aprofundamento das relações) e a Declaração Conjunta sobre Política Nuclear, que sublinha a vocação pacífica do Programa Nuclear dos dois países. Em 1986, Alfonsín e Sarney assinaram a Ata para Integração Brasileiro-Argentina e, em 1988, o Tratado de Integração, Cooperação e

Desenvolvimento que estabeleceu o prazo de dez anos para a conformação do espaço econômico comum.

A década de 1990, chamada de período neoliberal, mostrou que o aprofundamento das relações bilaterais não se restringia à retórica. O pragmatismo herdado do Barão do Rio Branco contribuiu para que fosse assinado o Tratado de Assunção, que criou o Mercosul em 1991. Ademais, formou-se a Agência Argentino-Brasileira de Contabilidade e Controle de Materiais Nucleares - ABACC. Deve-se lembrar que Brasil e Argentina firmaram acordo para proscrição completa de armas químicas e bacteriológicas, o Compromisso de Mendoza. Além disso, ambos ratificaram o Tratado de Tlatelolco em 1994.

Brasil e Argentina deram preferência à ratificação de regimes internacionais, mormente na esfera dos direitos humanos e do desarmamento, exemplificados pela adesão aos pactos de direitos humanos de 1966 e ao Tratado de Não-Proliferação Nuclear de 1968. Mesmo com a convergência em defesa dos regimes internacionais e do pragmatismo em prol da integração do Cone Sul, as relações com o Brasil foram afetadas em alguns setores com a desvalorização do Real em 1999.

A crise econômica Argentina de 2001/2002 e o conseqüente fim do *currency board* (atrelamento da moeda argentina ao dólar americano) trouxeram novas dificuldades ao aprofundamento do Mercosul, mas não afastou os investimentos de empresas brasileiras. Estas estão ativamente no país vizinho, como a Petrobrás e a Camargo Correa. De fato, o processo

* Mestre Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. (diegoaraujocampos@gmail.com).

de internacionalização de empresas brasileiras, com o apoio da Apex, – Agência de Promoção de Exportações –, do Departamento Comercial do Itamaraty e do BNDES auxiliam no desenvolvimento argentino e na integração do Cone Sul.

Já no discurso de posse, o Presidente Lula defendeu o aprofundamento do Mercosul e ressaltou o interesse na relação bilateral entre os dois gigantes sul-americanos. A visita do Presidente Lula em 2003 permitiu a assinatura com o Presidente Kirchner do Consenso de Buenos Aires. Em 2004, ambos assinaram no Rio de Janeiro a Ata de Copacabana. Esses documentos sublinharam a preocupação em fortalecer as bases do crescimento econômico com equidade.

No que tange à economia e ao comércio sul-americanos, o fundo de convergência estrutural – FOCEM – veio a corroborar o compromisso dos dois países no combate às assimetrias no bloco. Os desafios do comércio bilateral demonstram a maturidade das diplomacias argentina e brasileira na construção de consensos, como o mecanismo de adaptação competitiva no âmbito da Aladi. No plano multilateral, Brasil e Argentina fazem parte do G-20, com o intuito de pôr a termo os subsídios agrícolas das grandes potências. Conquanto haja questões setoriais pendentes, Brasil e Argentina têm alto nível de entendimento e cooperação.

Vale lembrar que ainda persistem desafios na cooperação bilateral e multilateral. Na reforma do Conselho de Segurança da ONU, os países adotaram pretensões divergentes. Ademais, os produtores de cana-de-açúcar do norte da Argentina receiam uma abertura comercial do açúcar, entre os dois países, pela alta competitividade do açúcar brasileiro. Convém mencionar, ainda, as negociações na Rodada Doha, que mostram certa dificuldade de se chegar a consenso na esfera do G-20. Na Conferência de Genebra, de julho de 2008, os brasileiros apoiaram a União Européia e os EUA para se avançar na conclusão da rodada, o que desagradou indianos, chineses e argentinos.

Em encontro entre Lula e a Presidente Cristina Kirchner, em setembro de 2008, os dois países almejavam avançar em uma parceria da Embraer com a Fábrica Militar de Córdoba para a produção

de aviões. Para uso terrestre, os dois exércitos devem começar a produzir, em 2009, um veículo militar leve, o Gaúcho, que será também aerotransportável. Brasil e Argentina traçaram uma estratégia de cooperação espacial e devem construir e lançar um satélite para observação costeira e oceânica. Os dois governos também decidiram incentivar a integração da indústria naval, o que poderá favorecer a presença argentina na extração petrolífera em águas profundas. “A Argentina pode e deve participar da construção da grande infra-estrutura necessária à exploração do petróleo brasileiro na camada pré-sal”, afirmou o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Lula e Kirchner pretendem acelerar a construção da hidrelétrica de Garabi, no rio Uruguai, e intensificar a cooperação na área nuclear. Criou-se a Empresa Binacional de Enriquecimento de Urânio (Eben). O Brasil conta com 500 mil toneladas de urânio, a sexta maior reserva do mundo, mas importa o mineral enriquecido do Canadá e da Europa. O governo espera alcançar a auto-suficiência em combustível nuclear até 2014.

Embora haja divergências pontuais no relacionamento bilateral, as relações Brasil-Argentina estão pautadas pela estabilidade, o que representa o amadurecimento da política externa dos dois países. Constata-se que a rivalidade de outrora deu lugar à cooperação para o desenvolvimento mútuo.

Recebido em 25/11/2008
Aprovado em 03/11/2008

Palavras-chave: relações Brasil-Argentina; política externa brasileira; América do Sul.

Key-words: Brazil-Argentine relations; Brazilian foreign policy; South America.

Resumo: O artigo pretende analisar a evolução das relações Brasil-Argentina e mostrar como a rivalidade deu lugar à cooperação nas relações bilaterais.

Abstract: The article intends to analyze the evolution of Brazil-Argentine relations and to present how cooperation has overcome rivalry in their bilateral relations.